De mulheres insubmissas criadas por Camilo Castelo Branco :
Narcisa, Jerónima e Palmira

Paulo MOTTA OLIVEIRA
Universidade de São Paulo/CNPq

António José Saraiva e Óscar Lopes, na clássica *História da Literatura Portuguesa*, publicada há mais de 60 anos, consideraram que as heroínas camilianas poderiam ser divididas em dois tipos : ou eram *vítimas angélicas*, ou *aniquiladoras mulheres fatais* [1]. Não é esta a visão que temos hoje, e dos dois lados do Atlântico vários estudos têm mostrado quão variadas são as faces das personagens femininas de Camilo [2].

Neste texto vou me deter sobre três delas, de perfis diversos, que constituem – com várias outras que não irei aqui tratar – um grupo que qualifiquei de *mulheres insubmissas*.

Não preciso me deter no contexto histórico do século XIX, que todos conhecemos, mas duas breves citações são necessárias para o percurso que pretendo realizar. A primeira é de Sandra Vasconcelos

> Na nova ordem burguesa [...], aos homens cabe trabalhar e sustentar a casa e às mulheres, a administração do mundo doméstico. [...] Não havia outro lugar para a mulher senão a casa do pai ou a do marido, pois

1. Cf. António José Saraiva e Óscar Lopes, *História da literatura portuguesa,* 17ª ed., Porto, Porto Editora, 1996, p. 784.

2. Entre outros, podemos citar, em Portugal, Sérgio Guimarães de Sousa (org.), *Representações do Feminino em Camilo Castelo Branco*, Vila Nova de Famalicão, Casa de Camilo – Centro de Estudos "Estudos Camilianos ; n° 9", 2014, e, no Brasil, Luciene Marie Pavanelo, Maria Cristina Pais Simon, Osmar Pereira Oliva e Paulo Motta Oliveira (orgs.), *Marginalidades femininas : a Mulher na Literatura e na Cultura Brasileira e Portuguesa*, Montes Claros, Editora Unimontes, 2017. Este livro possui quatro capítulos sobre personagens femininas de Camilo.

> era difícil para ela sustentar-se [...]. Sendo praticamente a única carreira aberta a elas, o casamento era um destino quase inescapável [...]. [3]

Por outro lado, como afirma Catherine Hall, nesta ordem burguesa, "a masculinidade se baseava na capacidade do homem de atender às necessidades dos seus ; a feminilidade de uma esposa e de suas filhas se fundava na dependência" [4].

As três personagens de que vou aqui tratar fogem destas características. Pretendo verificar que traços as aproximam ou as distanciam. Para isso, comecemos com uma personagem secundária de *O cego de Landim*, livro de 1876 :

> A filha de um cabaneiro, que se criava por sua casa, era o passatempo do cego. Chamava-se a Narcisa do « Bravo » – alcunha paterna. Até aos treze anos andava vestida de rapaz e media-se com os mais gaiatos a trepar à grimpa de um pinheiro, no assalto nocturno às cerejeiras, em duelos à pedrada, no jogo do pau e no murro. Era virilmente bela e bem-feita ; mas os meneios adquiridos nos trajos de rapaz desengraçavam-na vestida de mulher. Ela mesmo olhava para si com zanga e puxava a repelões as saias esfrangalhando-se [...].
> Estava no plano do cego casá-la. Narcisa dizia-lhe que não pensasse em tal, porque à primeira pirraça que o marido lhe fizesse, favas contadas, esmurrava-lhe os focinhos. [5]

O uso da expressão *virilmente bela* remete-nos a uma outra obra, publicada quatorze anos antes, em 1862, e que apenas no nosso século começou a ser seriamente estudada : *As três irmãs.* Nela é tecido um largo painel histórico que vai de 1809 a 1844. No centro da narrativa está a família de Joaquim Luiz da Silva. Assim começa a sua descrição :

> No princípio deste século, vivia no Porto um negociante de honrada fama e créditos de abastado. Quando a invasão dos franceses [...] infestou o Porto, o negociante fugiu com sua mulher e três meninas, a mais velha das quais [Jerónima] contava dezassete anos. [...]
> As meninas imediatas [...] eram Maria e Eulália. Eulália de treze anos [...] é a mais formosa. Maria de quatorze [...] é a mais angélica de meiguice. Jerónima era a menos bela, a mais varonil no género de lavor a que se dava em casa, entendendo no tráfico, na labutação, e na contabilidade.
> – Dizia Joaquim Luiz que Jerónima era o varão da casa ; e a mãe [...] dizia muitas vezes à Jerónima : "Ó moça ! tu pareces-me um homem". [6]

Maria e Eulália se casam, e Jerónima fica a ajudar o pai que havia perdido a maior parte de seus bens na invasão francesa. Sempre que este adoecia, "Descia ela a armazenar os cereais, a dirigir as carregações, e a reclamar na alfândega os géneros de sua

3. Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos, *A formação do romance inglês : ensaios teóricos*, São Paulo, Huitec-Fapesp, 2007, p. 127-128.

4. Catherine Hall, "Sweet home", in Michelle Perrot (org.), *História da vida privada 4 : da Revolução Francesa à Primeira Guerra*, São Paulo, Companhia das Letras, 1991, p. 70.

5. Camilo Castelo Branco, "O cego de Landim", in *Novelas do Minho*, vol. 1, Lisboa, Parceira António Maria Pereira, 1903, p. 157.

6. Camilo Castelo Branco, *As três irmãs*, Porto, Viúva Moré, 1866, p. 21-23.

casa"[7]. Chegou a pensar em negociar azeite. A mãe, que "cada vez descobria mais qualidades de homem na menina"[8], apontou o absurdo da opção. Resolve então buscar "outro lavor mais caseiro e adequado. Lembrou-se de fazer doce, [...] deu-se toda àquele pesado trabalho, nas poucas horas que dantes reservava ao repouso. O interesse não correspondeu às fadigas"[9]. Como dirá ao pai : "Cuidei que podia com mais algum trabalho, poupar meu pai a cuidados e aflições. [...]. Era feliz eu, se conseguisse realizar o meu desejo ; mas vejo que *uma mulher é sempre mulher*. Paciência. Meu pai continuará a fatigar-se, e eu a ajudá-lo como até agora."[10].

Como acontecerá a Narcisa, e a isso voltaremos, Jerónima terá pretendentes. É interessante uma conversa entre Joaquim e António Pereira, futuro sogro de Eulália :

> – Digo, meu bom António Pereira, que estes negócios de casamento não se tratam assim do pé pela mão. [...]. Como sabe vosmecê que as minhas filhas estão na ideia de se casarem ?
>
> – Boa pergunta é essa ! – disse o lavrador com grande risada – Para elas estarem na ideia de se casarem basta estarem solteiras.
>
> – Não é tanto assim, snr. António. Aí tem vosmecê a minha Jerónima que foi muito procurada e pedida, e nunca a pude convencer a casar-se. [11]

António Pereira expressa uma opinião *lógica*, pois, como indicou Sandra Vasconcelos, a única *carreira* para as mulheres era o casamento, e, assim, era *natural* que uma mulher solteira tivesse por objetivo casar-se. Mas Jerónima subverte a *lógica* e se recusa a este destino. Esta recusa está certamente no cerne de seu desejo de trabalhar. Ela deveria intuir que se não estivesse em um dos dois espaços possíveis para uma mulher – na casa do pai ou do marido – teria de se sustentar. De fato, ela tinha uma consciência ainda maior. Quando o pai dizia que ela era o *varão da casa* já indicava o que acabaria por acontecer. Quando ele falece, será ela que virá a ocupar o seu espaço, tomando conta, sozinha, do negócio da família, fundamental não só para o seu sustento, mas também para o de sua mãe e de Eulália. O marido desta, após gastar todos os bens de sua família, havia fugido para o Brasil, onde, por fim preso, acabou por se matar, e ela havia voltado para a casa dos pais.

Assumindo o negócio, mas vivendo sempre à beira da miséria, Jerónima terá ideia de fazer uma jogada arriscada : "Aventura-se Jerónima a mandar vir do Brasil uma carregação de café e açúcar, como seu pai costumava fazer prosperamente antes da invasão francesa e da guerra europeia, que tornara arriscada a navegação mercantil"[12]. A perda do navio, que foi "metido a pique por um dos brigues franceses que infestavam as costas marítimas"[13], levará a família a uma situação de quase penúria. A loja será fechada, algum tempo depois morre a mãe, e Jerónima e Eulália passam a morar na casa da outra irmã, Maria, e de seu marido, José, um honrado mas pobre advogado.

7. *Ibid.*, p. 65-66.
8. *Ibid.*, p. 62.
9. *Ibid.*, p. 62-63.
10. *Ibid.*, p. 63 ; itálico nosso.
11. *Ibid.*, p. 25-26.
12. *Ibid.*, p. 153.
13. *Ibid.*, p. 156-157.

Jerónima se recusa a ficar sem trabalhar, e com isso tornar ainda mais precária a vida dos quatro e de seu sobrinho Alberto. Começa então a aprender a bordar e a tocar piano, com o objetivo de se tornar mestra de meninas. Será neste momento que finalmente aceitará se casar com um pretendente que muitas vezes havia lhe pedido a mão, Pedro. Sobre este episódio, concordo com Luciene Marie Pavanelo, que indica que a pretensa

> [...] paixão súbita por Pedro [que a teria levado a aceitar a proposta] não convence o leitor [...]. Podemos, no entanto, baseados nas atitudes de Jerónima, inferir algumas hipóteses. Em vez de amor, a protagonista pode ter se rendido ao desespero causado pelas dificuldades financeiras, acabando por ver no casamento com Pedro uma saída. Como o pai dele se opôs ao casamento, destituindo-o dos bens da família, não havia mais motivos para que ela aceitasse a união. [14]

Ou seja, se neste momento opta por um possível casamento, isto deve ter ocorrido pois pretendia melhorar a miserável condição de sua família. Não sendo a saída possível, resolve, mesmo contra a vontade dos parentes, ser mestra das três filhas do morgado de Sobral, que residia em Lobrigos.

Antes de vermos o que ocorre com Jerónima nesta nova fase de sua vida, voltemos a Narcisa e seus pretendentes.

Ela "foi pretendida extramatrimonialmente por vários devassos de Landim, Santo Tirso e terras circunjacentes" [15], mas tinha "uns dedos nodosos que se fechavam em forma de boxe, assim que os pimpões lhe cantavam desafinados" [16]. Um, porém, quis com ela casar, "um forte lavrador de Sequeirô" [17]. Aconselhada pelo cego, casou.

Vejamos as consequências deste casamento :

> O marido sentiu as fascinações que enchem de delicias o inferno dos corações escravos. Ela manietou-o sem violência [...]. [...] Comprou égua de marca, vestiu-se de amazona, e ela aí ia com o marido corcovado, sonâmbulo, [...] atrás dela por [...] feiras e romarias. Às vezes, se os moleiros não despejavam depressa os caminhos atravancados com os seus jumentos carregados de foles, verberava-os com o chicotinho e chamava-lhes canalhas. Em questões com os vizinhos, por causa de regas ou invasões de gado, fazia ameaças sanguinárias. Carregava as espingardas do marido e atirava aos gaios com pontaria infalível. Quando soube que as senhoras do Porto usavam colete e gravata à laia de homens, exultou, como quem vê triunfar a sua ideia, e quis vestir calções e botas à Frederica.
>
> O lavrador, já no cairel do abismo, vendidas as melhores propriedades, quis reagir. Viu que tinha pela frente um virago de fibras. Afrouxou por

14. Luciene Marie Pavanelo, "*As três irmãs*, de Camilo Castelo Branco, e a independência feminina por meio do trabalho e da recusa ao casamento", in Luciene Marie Pavanelo, Maria Cristina Pais Simon, Osmar Pereira Oliva e Paulo Motta Oliveira (orgs.), *op. cit.*, p. 151.

15. Camilo Castelo Branco, "O cego de Landim", in *op. cit.*, p. 156.

16. *Ibid.*, p. 156-157.

17. *Ibid.*, p. 157.

> medo e por amor. O pusilânime vergava ao prestígio da força. Narcisa ofuscava-o com a rutilante beleza do Demônio [...].
>
> Dobados dez anos de vertiginosa dissipação, o lavrador resvalou do idiotismo à sepultura amando ainda a mulher [...]. E Narcisa, viúva aos vinte e oito anos e ainda formosa, atirou com a honra às goelas do dragão da miséria e não chorou uma lágrima. [18]

Como vemos, a virilmente bela Narcisa tornou-se amazona, e conseguiu destruir todos os bens do marido, gastos em cavalos, festas e roupas. Ela repete, em tom mais provinciano – afinal a história se passa em Landim –, o destino de uma outra personagem, que nunca foi designada como *viril* : refiro-me a Teodora, que depois assumiu o nome de Palmira, uma das protagonistas de *Amor de salvação,* obra de 1864.

Algumas informações, para aqueles que não conhecem o enredo deste livro, são necessárias, para podermos pensar sobre a trajetória desta personagem.

As mães de Afonso – o principal personagem do livro – e Teodora queriam casá-los, mas quando a mãe desta morre, a jovem é levada, por seu tio e tutor, para um convento. Ela tenta convencer o seu amado a tirá-la de lá, o que ele não consegue. Ela então aceita se casar com o filho de seu tutor, seu primo Eleutério, que não ama, para reencontrar a liberdade. Será um deputado que contará a Afonso o que aconteceu com Teodora após seu casamento :

> Fez-se doutora !... Mandou comprar dois carros de livros ao Porto ; fechou-se no seu escritório, que parecia uma livraria de convento, e começou a ler de noite e de dia. [...] Passado tempo, deu-lhe outra mania ; fez-se cavaleira, e rompia a galope pelo campo de Sant'Ana em Braga, a levantar poeira que parecia um esquadrão de cavalaria ! Não parou ainda aqui o desarranjo daquela cabeça ! Tomou lacaio, deu-lhe libré avivada de vermelho, e andava por essas estradas do Minho com o lacaio em correrias de doida. Uma hora viram-na em Landim, outra em Santo Tirso, depois em Leça da Palmeira... [19]

Algum tempo depois, ela abandona o marido e se transforma em amante de Afonso. Vão viver em Lisboa uma vida luxuosa, que o seu amante mantém vendendo as suas propriedades. É desta época a primeira descrição que o narrador apresenta daquela que, já então, havia adotado o nome de Palmira.

> [...] no fim do ano seguinte, encontrei Afonso de Teive em Lisboa, cavalgando um donairoso alazão ao lado de uma amazona, cujo murzelo fazia admiráveis gentilezas de picaria. Deu-se este encontro no Campo Grande [...]. Alguém cuidaria que a soberba cavaleira, de uma formosura invejável na Circássia, devia de ser a esposa raptada de algum grão-vizir ; pessoas,

18. *Ibid.*, p. 157-159.

19. Camilo Castelo Branco, *Amor de salvação*, in *Obras completas*, vol. IV, Porto, Lello & Irmão Editores, 1985, p. 705.

> porém, melhor informadas disseram-me que a esbelta dama era portuguesa do Minho, dos arrabaldes de Braga. [20]

Uma outra característica de Palmira é importante para construirmos o seu retrato. O narrador – que se apresenta como Camilo – lê uma carta que esta enviou a Afonso quando ainda não era sua amante, mas já era casada com Eleutério. Vejamos algumas de suas reações :

> Neste ponto suspendi eu a leitura, tomei a respiração e disse :
> – Esta senhora tem estilo, ou eu não entendo nada de estilos ! [...]
> – Mas o estilo – tornei sinceramente agradado da leitura –, o estilo aqui não pode ser a mulher : aqui há, pelo menos, a triple inteligência de três escritores de melenas sacudidas aos quatro ventos da inspiração ! Por Hércules ! Isto, sim, que é mulher... e « aqui há que ver », como diz o Garrett.
> [...]
> Não sei bem dizer de onde me vieram as lágrimas. Sei que terminei a leitura da carta já quando os olhos mal discriminavam as letras.
> Como a gente, às vezes, chora !...
> Era o estilo ! [21]

Assim, podemos notar que se Palmira não é *virilmente bela*, tendo mesmo *uma formosura invejável na Circássia*, possui outras características que poderiam, no período, ser qualificadas como masculinas. De fato, assume as rédeas de sua vida, escolhendo casar-se para sair do convento e depois abandonando o marido para viver com um amante, faz cavalgadas como Narcisa, e ainda possui um estilo comparável ou mesmo superior aos homens, a ponto de fazer um escritor já reconhecido, e muitas vezes acusado de provocar lágrimas, chorar ao ler uma carta sua, graças a seu estilo.

Antes de fecharmos este trecho sobre Palmira, vejamos o que ocorreu com Narcisa após a morte de seu marido :

> Sobre todas as famas repelentes, ganhara Narcisa, com legítimo direito, a de ladra, e ladra à mão armada. Os mais queixosos eram os que lhe colheram as flores já outoniças da beleza e a rejeitaram com a brutalidade do tédio. Narcisa saía-lhes de rosto nas concavidades das congostas escuras e abocava-lhes à cara uma pistola de dois canos : e eles, com um fingido sorriso de piedade desprezadora, atiravam-lhe a forçada esmola. Outras vezes, escalava as janelas das alcovas conhecidas e entrouxava os bragais como se inventariasse o espólio de um esposo falecido. E temiam-na como a um celerado disposto a vender cara a vida, porque ela deixava entrever a coronha da pistola entre os atacadores do colete escarlate e, se sofraldava as saias, quando saltava as poldras dos ribeiros, mostrava a faca de ponta atravessada na liga. Os regedores das freguesias que ela frequentava

20. *Ibid.*, p. 628.
21. *Ibid.*, p. 682-684.

> tinham ordem de a capturarem ; mas o medo, predicado pacífico destes magistrados, era a ressalva de Narcisa. [22]

Ela acaba sendo presa, e, no fim da narrativa, quando sai da prisão, vai para o Brasil acompanhada pela irmã do cego de Landim, que então já havia falecido.

O destino de Palmira será distinto. Quando o dinheiro de Afonso já está acabando, ela arruma um outro amante. Afonso descobre e depois de uma discussão acalorada, ele sai de casa. Palmira recolhe todas as roupas e jóias que este havia lhe dado, e a última notícia que teremos, dada em uma carta do tio de Afonso, é que "Teodora está em Braga promovendo o divórcio a fim de levantar-se com o seu património." [23]. No fim do livro o narrador pergunta a Afonso se sabe dela ; ele diz que não, e Camilo afirma :

> – Pois não me despeço [...] de me ir por aí fora no encalço de Palmira, e mal dela se a não topo, que morrerá sem ler a sua biografia, desastre comum, mas imerecido, das mulheres da sua espécie. Quantos romances, e dramas, e cantatas, aí pejam as livrarias sobre Ninon, e Marion, e Manon Lescaut ? [...] os romancistas e poetas coevos nossos deificam as Gautières e fazem que as famílias honestas chorem por elas nas páginas dos livros e nas tábuas dos palcos. Palmira há-de ter um livro, ou eu não escrevo mais nenhum depois do teu... [24]

Bem, retornemos à personagem que – diferentemente de Narcisa e Palmira – não teve nem marido, nem amante. Retornemos a Jerónima que abandonamos quando foi ser mestra das filhas do morgado de Sobral. Após ser recebida com alguma reserva, acabou conquistando o respeito de seu patrão, de suas irmãs e do padre-mestre que lá moravam, além do afeto das meninas que educava.

Quando recebe o primeiro ordenado, não querendo deixar o dinheiro parado, resolve negociar, desta vez com vinhos, com a ajuda do feitor da propriedade :

> O feitor tomou conta do dinheiro de Jerónima, e entrou com ele em comércio de vinhos [...]. No fim do segundo ano [...] o feitor deu a Jerónima vinte e cinco por cento de lucro, e recebeu o segundo ordenado anual para continuar o negócio em maior escala, e mais atrevidamente. Do maior atrevimento resultou o revés. Teve dele, primeiro, conhecimento o morgado [que estava apaixonado por ela, mas com quem ela se recusou a casar]. Reembolsou o feitor, ordenando-lhe que desse conta à mestra de suas filhas o lucro de cinquenta por cento nos dois mil cruzados em giro. [25]

Será o dinheiro do morgado que acabará por permitir que Jerónima mantenha suas duas irmãs, além de Alberto e José, quando este, um liberal, é obrigado a emigrar no momento em que D. Miguel assume o poder. A família, que no livro representa

22. Camilo Castelo Branco, "O cego de Landim", in *op. cit.*, p. 176-177.
23. Camilo Castelo Branco, *Amor de salvação*, in *op. cit.*, p. 744.
24. *Ibid.*, p. 767.
25. Camilo Castelo Branco, *As três irmãs*, ed. cit., p. 226.

a burguesia, só consegue sobreviver graças ao *favor* – e uso aqui o termo no mesmo sentido que foi utilizado por Roberto Schwarz em *Ao vencedor as batatas*[26] – de um nobre. Nesta obra, como no Brasil, a classe dos *homens livres* só consegue sobreviver quando recebe o apoio da nobreza.

Se antes já havia me referido a este aspecto[27], um outro tópico é mais pertinente para o tema deste livro : a peculiar trajetória de Jerónima e o que ela permite perceber sobre os espaços de atuação de uma mulher pobre ou agregada na primeira metade do século XIX, época em que se passa o enredo.

Mesmo assumindo uma série de posturas que seriam, no período, consideradas como masculinas, Jerónima não consegue, de verdade, ocupar este espaço. Trabalha, mas algumas funções – como o de vender azeite – lhe são vedadas pois são *incompatíveis* com o seu gênero. Por outro lado, sistematicamente fracassa todas as vezes em que tenta multiplicar seu capital através deste outro meio marcadamente masculino : o comércio. Mesmo antes da aventura com o navio, lembremos que ela tenta vender doces, atividade que só lhe deu cansaço, e não lucro. Vai ser apenas como professora que será bem-sucedida. Parece, assim, que o espaço da educação era o único em que uma mulher poderia tentar sobreviver. Os outros, no livro, são reservados apenas aos homens.

Permitam-me um breve desvio das obras camilianas. Também em Machado de Assis isso ocorre. Vejamos a conversa que, em *A mão e a luva,* Guiomar tem com a sua madrinha, antes da morte da filha desta, incidente que mudaria o seu destino :

> Tinha a moça dezesseis anos quando passou para o colégio da tia de Estêvão, onde pareceu à baronesa se lhe poderia dar mais apurada educação. Guiomar manifestara então o desejo de ser professora.
>
> – Não há outro recurso, disse ela à baronesa quando lhe confiou esta aspiração.
>
> – Como assim ? perguntou a madrinha.
>
> – Não há, repetiu Guiomar. Não duvido, nem posso negar o amor que a senhora me tem ; mas a cada qual cabe uma obrigação, que se deve cumprir. A minha é... é ganhar o pão.
>
> Estas últimas palavras passaram-lhe pelos lábios como que à força. O rubor subiu-lhe às faces ; dissera-se que a alma cobria o rosto de vergonha.
>
> – Guiomar ! exclamou a baronesa.
>
> – Peço-lhe uma coisa honrosa para mim, respondeu Guiomar com simplicidade. [28]

Guiomar, que virá a ocupar o espaço deixado por Henriqueta, a falecida filha de sua madrinha, não precisará passar pela *vergonha* de *ganhar o pão* como professora. Mas para outra personagem de Machado, a Estela de *Iaiá Garcia*, só lhe sobrou esta saída

26. Cf. Roberto Schwarz, *Ao vencedor as batatas*, São Paulo, Duas Cidades/Editora 34, 2012.

27. Cf. Paulo Motta Oliveira, "De penumbras e sombras : Camilo Castelo Branco e *As três irmãs"*, in Paulo Motta Oliveira e Luciene Marie Pavanelo (orgs.), *Camilo Castelo Branco e Machado de Assis em diálogo : para além do romantismo e do realismo*, Rio de Janeiro, 7 Letras, 2016, p. 13-25.

28. Machado de Assis, *A mão e a luva*, Rio de Janeiro, Gomes de Oliveira & C., 1874, p. 45-46.

para não ser uma agregada na casa de sua enteada, a Iaiá que dá título ao romance, e que iria se casar com o homem que Estela havia amado :

> Uma noite, entrou o Sr. Antunes e deu uma carta à filha, que a leu silenciosamente.
> – Olha, disse ela apresentando a carta à enteada.
> Iaiá leu-a ; eram duas páginas escritas de alto a baixo, e por letra desconhecida. Uma antiga condiscípula de Estela, residente no norte de São Paulo, aceitava a proposta que esta lhe fizera, de ir dirigir-lhe o estabelecimento de educação que ali fundara desde alguns meses. [29]

O trabalho de *mestra* ou de *diretora de escola* parece ser a única possibilidade de sobrevivência para mulheres *não protegidas*.

É chegada a hora de, rapidamente, juntar os três *perfis* que aqui apresentamos. Como havia dito no início deste texto, julgo que as três fogem das características que, no século XIX, caracterizavam o seu gênero. Primeiro pois todas elas são, de variadas formas, *independentes*, contrariando a principal característica, segundo Hall, da *feminilidade*. Se Jerónima e Narcisa foram caracterizadas como *varonis*, isto não significa que não eram femininas ; afinal ambas tiveram pretendentes e Narcisa chegou a ter, como vimos, vários amantes. O confronto entre elas e Palmira pode mostrar que mesmo uma mulher que, aparentemente, tem várias das características que eram atribuídas à feminilidade, entre elas uma grande beleza, pode assumir o controle de sua vida, utilizando os homens, marido e amante, para alcançar o que quer. Mas, para além dessas semelhanças, é importante notar que uma diferença importante entre elas advém não da sua *identidade de gênero*, mas da sua, a chamemos assim, *identidade financeira*. Seus destinos são diversos pois há, entre elas, diferenças de posses. Narcisa, a mais pobre, após a morte do marido só tem como saída transformar-se em ladra. Jerónima pôde levar uma vida tranquila e cuidar dos seus, mas sem que saiba só teve esta possibilidade pois foi ajudada secretamente por seu apaixonado patrão. A sua independência é, de fato, fruto do *favor*. A única que passa incólume, e termina a narrativa solicitando o divórcio, para que possa gerar seus bens, é Palmira. Se ao deixar o marido estes bens não eram importantes para ela– Afonso era, como é indicado no início do romance, bem mais rico que ela –, uma vez arruinado o amante, ela não precisa, como Narcisa, roubar. Esta percepção pode nos levar a pensar que, nas obras de Camilo, as mulheres mais pobres precisariam, para que pudessem tentar ser independentes dos homens, ter características masculinas, como ocorre com Narcisa e Jerónima. Já para aquelas com posses, como Palmira, seria possível controlar a sua vida, mesmo tendo características aparentemente mais adequadas à sua identidade de gênero. É uma hipótese instigante, mas que só a análise de outras personagens poderia confirmar.

Referências bibliográficas

ASSIS, Machado de, *A mão e a luva*, Rio de Janeiro, Gomes de Oliveira & C., 1874.

ASSIS, Machado de, *Iaiá Garcia*, Rio de Janeiro, G. Vianna & C., 1878.

29. Machado de Assis, *Iaiá Garcia*, Rio de Janeiro, G. Vianna & C., 1878, p. 319.

BRANCO, Camilo Castelo, *Amor de salvação*, in *Obras completas*, vol. IV, Porto, Lello & Irmão Editores, 1985.

BRANCO, Camilo Castelo, *As três irmãs*, Porto, Viúva Moré, 1866.

BRANCO, Camilo Castelo, "O cego de Landim", in *Novelas do Minho*, vol. 1, Lisboa, Parceira António Maria Pereira, 1903.

HALL, Catherine, "Sweet home", in PERROT, Michelle (org.), *História da vida privada 4 : da Revolução Francesa à Primeira Guerra*, São Paulo, Companhia das Letras, 1991, p. 53-87.

OLIVEIRA, Paulo Motta, "De penumbras e sombras : Camilo Castelo Branco e *As três irmãs"*, in Paulo Motta Oliveira e Luciene Marie Pavanelo (orgs.), *Camilo Castelo Branco e Machado de Assis em diálogo : para além do romantismo e do realismo*, Rio de Janeiro, 7 Letras, 2016, p. 13-25.

PAVANELO, Luciene Marie, SIMON, Maria Cristina Pais, OLIVA, Osmar Pereira e OLIVEIRA, Paulo Motta (orgs.), *Marginalidades femininas : a Mulher na Literatura e na Cultura Brasileira e Portuguesa,* Montes Claros, Editora Unimontes, 2017.

PAVANELO, Luciene Marie, "*As três irmãs*, de Camilo Castelo Branco, e a independência feminina por meio do trabalho e da recusa ao casamento", in PAVANELO, Luciene Marie, SIMON, Maria Cristina Pais, OLIVA, Osmar Pereira e OLIVEIRA, Paulo Motta (orgs.), *Marginalidades femininas : a Mulher na Literatura e na Cultura Brasileira e Portuguesa*, Montes Claros, Editora Unimontes, 2017, p. 147-158.

SARAIVA, António José e LOPES, Óscar, *História da literatura portuguesa*, 17ª ed., Porto, Porto Editora, 1996.

SOUSA, Sérgio Guimarães de (org.), *Representações do Feminino em Camilo Castelo Branco*, Vila Nova de Famalicão, Casa de Camilo – Centro de Estudos "Estudos Camilianos ; n° 9", 2014.

SCHWARZ, Roberto, *Ao vencedor as batatas*, São Paulo, Duas Cidades/Editora 34, 2012.

VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira, *A formação do romance inglês : ensaios teóricos*, São Paulo, Huitec-Fapesp, 2007.